Pentagrama

Silvana Model

Prefácio

"Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse Amor, [...] nada seria."

Essa sempre foi uma das minhas frases favoritas, retirada de um trecho da Bíblia e repetida por minha mãe tantas vezes. Conforme o tempo passa, ela faz mais sentido na minha vida.

Em minha caminhada, buscando obstinadamente o amor verdadeiro, o companheiro ideal, aquele que seria como uma parte de mim, descobri muitas coisas sobre o amor que eu nunca havia nem mesmo pensado. Descobri que amar a mim mesma é fundamental. Percebi que o amor entre um homem e uma mulher é apenas uma das maneiras do amor se revelar. Vi na amizade sincera a forma mais pura e sublime do amor. E finalmente compreendi que existem muitos tipos de amor e formas de amar.

Precisei mergulhar nas profundezas da escuridão para perceber a beleza da luz. Sentir-me morta para voltar à vida. Lutar com meus próprios demônios e vencer meus piores temores para compreender o verdadeiro significado da coragem. Aventurar-me por caminhos desconhecidos para escrever minha própria história e ser digna do verdadeiro amor, em todas as suas formas.

Lena

- Capítulo I -

DESCOBERTAS

Olhei para o relógio.

-Droga! – pensei alto demais.

Ainda faltavam 15 minutos para o final da aula daquela manhã. O ponteiro mal se mexia. Nesses momentos o relógio sempre me parecia um inimigo cruel e sarcástico. Contudo, era uma manhã como qualquer outra. Um dia normal, mas eu tinha pressa de sair de cena.

- Como? – perguntou o professor.

Ele nunca deixava de ouvir mesmo que a gente sussurrasse sem querer. Invariavelmente, ele ouvia!

- Nada, apenas me lembrei de algo. – falei sem muito interesse.

E então ele voltou a explicar alguns exercícios para um pequeno grupo de alunos. Voltei a ser invisível. Baixei os olhos para o caderno, fingindo estar interessada no que estava escrito, mas andava em outro lugar. Meu pensamento viajava pelo espaço numa terra distante, muito mais interessante que uma aula de Química. O professor chamou a atenção da turma para dar as últimas instruções para o trabalho de casa e eu tive que interromper meus pensamentos e me focar nas orientações. Tomei nota das coisas importantes para fazer o trabalho. Olhei para o relógio outra vez. Como mágica os minutos voaram e faltavam poucos segundos para o sinal tocar. Fim da aula.

Eu sempre fui uma garota comum e sem graça. Nunca fui do tipo atlética ou bronzeada. Os cabelos e olhos claros não faziam de mim uma loura atraente. Era apenas uma menina clara. Nem alta e nem baixa. Achava-me feia e desengonçada. Pálida e sem vida! Magricela demais! Mas isso era só uma máscara. O disfarce perfeito. Uma máscara que me escondia de mim mesma. Muito conveniente. Assim passei despercebida por muitos anos. Nem feia, nem bonita. Não era a aluna mais brilhante, mas mantinha minhas notas boas. Nunca quis aparecer. Preferia não ser notada. Passava longe de ser popular ou a queridinha da turma, era apenas indiferente. Quase um fantasma que circulava entre eles. Eu preferia que fosse assim, "invisível" a maior parte do tempo. Naquela época seria muito difícil que me aceitassem como eu realmente era, com todas as minhas habilidades ainda fora de controle. Provavelmente eu seria considerada uma aberração ou algo pior. Eu não queria ver medo ou repulsa nos olhos deles. Por isso me mantinha assim, invisível.

Hoje ainda lembro de como cada detalhe foi meticulosamente desenhado na teia do destino. Uma incrível articulação de muitas vidas. E uma busca obstinada por aquele que seria parte de mim. A minha metade. A minha alma gêmea!

Desde criança sempre me percebi diferente. Notava que eu tinha dons para saber ou fazer coisas que os outros não podiam. Cheguei a pensar, com minha mente infantil, que eu era um ser de outro planeta. Uma alienígena! Porque era assim que eu me sentia a maior parte das vezes. Diferente! Conforme fui crescendo, minhas fantasias sobre minha própria origem iam mudando. Um anjo sem memória seria possível? Uma mutação genética? Um demônio? Um ser encantado como aqueles dos contos de fada? Eu simplesmente não sabia explicar. Não conseguia entender.

O que ou quem eu era perdeu a importância com o tempo. Eu apenas era diferente. Aceitei isso. Os anos se passaram, contudo a sensação nítida de ser alguém muito diferente permanecia e se fortalecia. Foi no início da minha adolescência que me convenci que era uma bruxa. Uma feiticeira. Todavia acabei me convencendo de que isso também era bobagem. Coisas da minha imaginação fértil, assim como a história da alienígena e do anjo sem memória. Achava-me boba e infantil com a simples lembrança dessas suposições. Mais tarde, algumas evidências acabariam me revelando a verdade.

Na volta da escola para casa me detive novamente em meus pensamentos. Sentada próximo à janela do ônibus, olhava para fora sem enxergar nada. Flutuava, absorvida por meus pensamentos. Era inevitável que minha mente vagasse por outros mundos. Mundos além da compreensão humana, ou da maioria deles, pelo menos. Eu tentava me convencer, todos os dias, que algo que eu sabia que tinha feito era apenas uma feliz coincidência. Tudo acabava sendo considerado fruto da minha imaginação, fértil demais. Mas naquele dia eu não poderia negar. Eu tinha fechado a porta logo atrás de mim, apenas ordenando a ela que se fechasse. Sem tocar em absolutamente nada!

- Lena? – alguém quebrou meu raciocínio atrapalhando meus pensamentos.

Olhei desinteressada para o lado e vi uma jovem da minha idade, com um largo sorriso no rosto. Por um instante fixei meu olhar nela, como se visse uma miragem. Era um pouco mais alta do que eu, esguia, pele num tom marfim, cabelos louro escuro, curtinhos e picotados, e, continuava sorrindo para mim. Uma velha amiga, dos tempos de criança, me olhava e me analisava enquanto eu desfranzia a testa e sacudia a cabeça como quem tenta espantar uma imagem

irreal. Contudo era ela diante de mim e com um enorme sorriso estampado nos lábios.
- Mab? Não acredito! – exclamei – Será que estou tendo uma alucinação? – brinquei – Que saudades! O que você está fazendo na cidade? Quando chegou? – indaguei curiosa, fazendo muitas perguntas de uma só vez, quase sem respirar.
- Meu pai conseguiu uma nova transferência. Acabamos voltando. – ela disse alegremente.

Meu coração deu um pulo! Mabel era minha amiga desde que éramos muito pequenas. Ela me conhecia muito bem. E nunca se importou com minhas habilidades. Nunca me julgou, apenas esteve ao meu lado. Era uma amiga fiel. Era como uma irmã que eu havia escolhido. Porém, há cerca de três anos ela havia ido com a família para uma cidadezinha do interior porque seu pai tinha sido promovido na empresa e fora transferido logo em seguida. Na época era importante para eles. Significava uma mudança financeira grande. Depois disso, nos vimos rapidamente nas poucas vezes que ela veio me visitar. Eu também cheguei a visitá-la nas férias, mas era longe demais, e as visitas acabaram rareando. O telefone foi o que nos restou. Mas também era eventual, já que as ligações eram caras. Assim, já fazia muito tempo que não nos víamos. Eu estava muito feliz com a sua volta.
- Por que você não telefonou avisando? – reclamei – Eu teria organizado uma festa!
- Sempre exagerada! – ela riu – Você sabe que eu não gosto muito de festas! Aliás, você também não, pelo que me lembro. – rimos juntas dessa vez – Além disso – ela continuou – eu queria fazer uma surpresa, mas acabei sendo surpreendida pelo destino – ela sorriu docemente – lhe encontrei antes do que planejava! Aquelas “coincidências”, sabe? – ela falou piscando e rindo para mim.

Eu sabia exatamente o que ela queria dizer. Nós não acreditávamos no acaso. Tudo tinha uma razão de ser, mesmo que desconhecêssemos tal razão.

Esqueci totalmente meus pensamentos anteriores e minha luta inútil de negar minhas habilidades. Concentrei-me unicamente no fato de ter minha amiga perto outra vez. Isso me tranquilizava. Era como respirar aliviada depois de um longo mergulho. Embora eu continuasse sendo diferente, tinha alguém com quem dividir minhas sensações. Acabei convencendo-a de ir almoçar na minha casa. Assim teríamos mais tempo para colocar os assuntos em dia. Passamos a tarde tagarelando sem parar. Ela me contou sobre as dificuldades que encontrou na nova cidade, salientando sempre a falta que eu fazia em sua vida. Eu também me sentia assim. Fiquei muito solitária desde que ela havia partido. Naquela tarde fizemos mil planos. Inclusive o de alugarmos um pequeno apartamento e morarmos juntas assim que fosse possível. Queríamos estar juntas o máximo de tempo possível dali para frente. Mab era uma das amigas que eu mais gostava. Uma das melhores amigas que eu pude sonhar ter. Mab era uma ouvinte atenta, cuidadosa com cada detalhe. Companheira, fiel, confidente, alegre, detalhista e meticulosa, não deixava escapar nada! Obstinada e perfeccionista. Tudo que ela fazia era impecável. Desenhava como ninguém. Costurava e fazia diversos tipos de trabalhos manuais, era criativa e talentosa! Tudo em que ela colocava as mãos ficava lindo! Aliás, Mab era muito estilosa. Gostava de criar suas próprias roupas e reinventar várias peças e acessórios.

- E Adorabella? – ela me perguntou depois de algum tempo.

- Nos falamos bastante ainda. Ficamos mais unidas depois que você foi embora. Foi tudo que me restou por perto. – falei baixando os olhos, relembrando o ar de tristeza da despedida – Ela cresceu! Está mais madura e... – fiz uma pausa e uma

careta engraçada sufocando o riso – continua daquele jeito dela, bancando a palhaça para me alegrar!
- Adorabella nunca vai mudar! – ela disse sorrindo – Ainda bem! Ela é a alegria e o entusiasmo em pessoa! Não tem como ficar de baixo astral perto dela! – completou.
- Essa é a coisa mais certa que você já ousou dizer! – concordei num tom alegre.

Adorabella morava perto da minha casa e eu a conhecia desde que ela tinha três anos de idade. Baixinha e um pouco mais gordinha, tinha cabelos castanhos, cacheados, e pele levemente morena, entretanto, eram os grandes olhos cor de mel que deixavam transparecer toda a alegria e a vivacidade de Bella. Ela era dois anos mais jovem. E essa diferença nos manteve a distância por um tempo, mas acabamos nos aproximando muito na adolescência. Apesar de mais jovem ela era madura e conversava de igual para igual com qualquer uma de nós. Ela era uma pessoa incrível, de uma alegria contagiante. Ninguém era capaz de ficar triste perto dela. Bella era engraçada, criativa, astuta, inteligente e, indiscutivelmente, divertida! Ela sempre melhorava meu humor e me distraía dos problemas. Eu adorava passar algumas horas com ela. Contudo, Bella era ocupada demais. Ela estudava pela manhã como Mab e eu, e à tarde tinha mil e uma atividades extras, nas quais, sua mãe a matriculava. Bella fazia cursos de inglês, piano e artesanato, além disso, nadava e praticava handebol. As tardes dela estavam sempre preenchidas pelas atividades extras ou pelas obrigações de casa, temas, trabalhos escolares, etc. Nossos encontros eram sempre rápidos. Pequenas fugidas entre uma coisa e outra. Eu não sei como ela coordenava tudo! Bella também era uma excelente amiga. Com características muito diferentes de Mab, é verdade. Eu costumava dizer que as duas se completavam como minhas amigas. Enquanto Mab era boa para me ouvir pacientemente e me consolar, Bella sabia o

jeito certo de me dizer umas verdades quando eu precisava ouvi-las e tomar uma atitude. Enquanto Bella era divertida, Mab era doce e amável. Enfim, eu precisava muito da amizade de ambas. No tempo em que Mab esteve longe, eu me sentia como se admirasse um magnífico pôr-do-sol à beira-mar, em toda sua plenitude, mas sem poder sentir a brisa suave acariciando meu rosto. Não ter uma delas ao meu lado era como me privar de um dos meus sentidos.

- E como andam as coisas? – Mab perguntou meio desinteressada.

Eu sabia exatamente do que ela estava falando. Na verdade Mab e eu nos entendíamos tão bem por meio de olhares que muitas vezes as palavras se faziam desnecessárias. Eu sabia o quanto ela estava curiosa e interessada na minha resposta. Sabia também que seu aparente tom casual e desinteressado significava que ela temia me magoar ou me pressionar. Ela não sabia se eu queria falar no assunto, por isso usou aquele tom. Mas eu entendia exatamente sua hesitação. E já não tinha problemas de conversar com ela sobre o assunto. Então tratei logo de matar sua curiosidade.

- As coisas estão melhores. Mas ainda faço coisas que não sei explicar. Ainda tento me convencer de que não fui eu quem fiz. Porém têm vezes... – fiz uma pausa olhando para cima como se buscasse coragem para dizer - ...às vezes não tem como negar!

Ela riu. Realmente me conhecia.

- Notei que acontece mais quando fico muito zangada. E foge um pouco do controle – continuei – bato portas, quebro vidros pequenos, derrubo objetos, abro ou fecho gavetas, esse tipo de coisa. Você lembra, não é?

Ela fez que sim com a cabeça. Sua expressão estava tranquila.

- Porém, quando estou calma, consigo controlar melhor. Mas, não o tempo todo. – baixei os olhos, relembrando algumas

situações – Um dia desses, em casa, esbarrei num vaso e o derrubei sem querer. Contudo consegui pará-lo antes que atingisse o chão. Parou em pleno ar. Entretanto, fiquei tão feliz que havia conseguido me controlar que acabei deixando-o cair novamente. – eu ri – Se espatifou no chão. Foi engraçado! Pelo menos até a minha mãe descobrir! – gargalhamos juntas.

- E os sonhos? – ela quis saber.

- Continuam – eu disse – com menor frequência agora. Algumas vezes embaralhados e confusos, outras, absolutamente claros. Normalmente acontecem somente depois de uma semana ou duas. – comentei com os olhos vidrados nas lembranças dos últimos sonhos – Nada especial. Apenas ações comuns do dia a dia como falar com alguém enquanto caminho pela rua.

Contudo todos os gestos, palavras e reações aconteciam exatamente iguais. Isso tornava muitos dos meus dias terrivelmente chatos. E na maioria vezes me aborrecia em ter que esperar alguém terminar uma frase que eu já sabia como acabava. Mas eu precisava fingir interesse, fazia parte do meu disfarce.

- As vozes também continuam falando comigo. – antecipei a resposta de sua próxima pergunta – No entanto, não vejo mais seus rostos como na infância. Eles foram desaparecendo sem que eu me desse conta, permanecendo somente suas vozes.

As vozes me alertavam e aconselhavam. Eram companheiras incansáveis. Mas eram frias. Desprovidas de qualquer tipo de emoção. Imparciais. Elas estavam sempre invadindo meus pensamentos. Algumas vezes me irritavam e eu quase gritava para que se calassem.

- Você tem tido visões? – ela quis saber.

- Raramente. – respondi – Agora elas têm acontecido de vez em quando, porém mais claras que antes, quando eram mais frequentes. Acho que algumas coisas vão mudando como se

estivessem se adequando a mim. – falei num tom distante, com o olhar perdido, vendo o nada.

O tempo tinha voado desde que Mab chegara. O relógio estava implicando comigo novamente. Dessa vez o ponteiro se mexeu rápido demais! Eram 16h. O telefone tocou. Do outro lado da linha a mãe de Mab parecia aflita. Ela atendeu e aos poucos pude perceber seu rosto mudando de expressão. Foi de uma expressão tranquila e alegre para um semblante tenso, preocupado. Ela foi ficando com todo corpo rígido à medida que ouvia a voz do outro lado da linha. Desligou e me olhou com um ar melancólico:

- Meu avô está doente, foi internado no hospital hoje pela manhã.

- Não. – eu disse repentinamente, num tom ríspido e sem emoção – Ele já morreu! – comuniquei num impulso.

Foi como se a frase pulasse para fora da minha boca sem que eu pudesse dizer de uma forma mais delicada. Mas as vozes faziam assim, e eu, impulsivamente, repetia tudo, também sem expressar nenhum tipo de sentimento, fria e dura como uma estátua de gelo. Mab começou a chorar.

- Por que você está dizendo isso? – ela indagou aos prantos.

Percebendo a grande bobagem que fizera, já com lágrimas nos olhos, e tomada pela culpa de ter dito tão abruptamente algo tão delicado, desconversei:

- Sei lá! Acho que entendi mal. Me desculpe, por favor! Não me leve a mal. Perdoe-me!

Eu me senti péssima! Um monstro insensível. Porém aconteceu muito rápido e, para variar, fugiu do meu controle. Eu não sabia como desfazer o que já tinha dito. Neguei minhas palavras dizendo que estava confusa, que não tinha compreendido bem o que as vozes haviam dito. Contudo eu sabia que era inútil mentir para Mab. Ela me conhecia bem demais. No fundo, ela sabia que era verdade.

Com um pouco de dificuldade consegui acalmá-la e distrair seus pensamentos. Voltamos a falar de assuntos leves, coisas do cotidiano. Ela me contou sobre um filme que vira no cinema. Eu fingi interesse para afastar a ideia do quanto eu tinha sido fria e insensível naquele momento.

Algum tempo depois resolvemos ir juntas até a casa dela. Mab tinha muitas coisas para me mostrar e certamente alguma lembrança que ela trouxera consigo da pequena cidade do interior onde havia morado nos últimos três anos. Quando chegamos estava tudo quieto. A casa não era grande, mas aconchegante. Para mim, aquele local tinha um doce "cheiro de infância". O lugar era cheio de lembranças de quando éramos pequenas, brincadeiras que fazíamos e lugares onde nos escondíamos. Uma onda de pensamentos me fez viajar no tempo por alguns segundos. Entretanto, o silêncio daquele fim de tarde denunciava algo errado.

- Mãe? – Mab chamou.

Nenhuma resposta.

- Mãe, você está aí? – ela insistiu.

Fomos entrando. A mãe de Mab estava ao telefone, falava baixo, quase sussurrando. Senti um frio passar pela minha coluna. Quando ela se virou, percebi seus olhos cheios de lágrimas e seu rosto bastante entristecido demonstrava um certo abatimento.

- Mãe? O que houve? Quem estava falando com a senhora no telefone? – Mab fazia uma pergunta atrás da outra sem conter sua ansiedade e o desconforto de não saber o que ocorria.

- Era a prima Ana. Ela ligou para avisar que o seu avô faleceu hoje à tarde, por volta das 16h. – ela finalmente desabafou.

De imediato Mab me olhou fixamente. Eu não sabia o que dizer. Fiquei lá somente o tempo necessário para ser solidária e educada. Despedi-me com a desculpa de que a noite já iria cair e ficaria muito escuro para eu voltar sozinha para casa. Voltei pensativa. Eu tinha que arranjar um jeito de

controlar minha língua! Não poderia sair por aí, simplesmente, metralhando as pessoas com minhas previsões, desprovidas de sentimentos. Isso era muito cruel. Sentia-me péssima! Mabel era a última pessoa no mundo que eu queria magoar assim, de maneira tão bruta, tão desastrosa. Nesse dia prometi a mim mesma que teria mais cuidado com as coisas que dissesse. Fiz o caminho de volta sem me dar conta. Quando vi, estava em casa. Minha família nunca compreendeu minhas habilidades incomuns. Faziam de conta que era tudo invenção de uma mente infantil muito criativa. Contudo eu percebia que eles tinham certo medo de mim. Conversar sobre o assunto estava fora de questão. Acho que eles acreditavam que fingindo que não acontecia nada, acabaria não acontecendo. Eu era uma pedra no sapato deles. Algo que eles precisavam esconder, omitir de si mesmos. Minha mãe também não tocava no assunto, mas sempre me confortava quando as coisas fugiam do meu controle. De alguma forma eu entendia minha mãe. Afinal, eu também não compreendia tudo aquilo. Eu me sentia um peixe fora d'água em casa também. De alguma maneira eu sabia que não pertencia àquele mundo de fatos absolutamente explicáveis.

Os dias passavam suavemente. Eu vivia a maior parte do tempo interpretando, tentando não chamar atenção para mim mesma, passando despercebida, ou como eu gostava de dizer, ficando invisível. Eu tinha um medo grande de me expor, de ser ridicularizada. Isso me pressionava a sufocar meus impulsos. Entretanto, uma grande vontade de saber mais e entender o que acontecia comigo crescia no meu íntimo em velocidade acelerada. Resolvi iniciar uma busca solitária e secreta. Intuitivamente escolhia livros. Lia e refletia em segredo. Aos poucos eu ia me descobrindo, mais e mais. Lia tudo que encontrava sobre os mais diversos e estranhos assuntos. Descobri que tinha uma incrível atração por pedras. Certo dia, numa loja especializada em pedras, eu olhava

atentamente alguns tipos e lia sobre a influência delas. Acredita-se que alguns tipos de pedras auxiliam as pessoas a conseguir dinheiro, amor, curam ou melhoram o funcionamento do corpo. Há aquelas que favorecem o sistema circulatório, outras que auxiliam o sistema nervoso, e assim por diante. A loja era pequena, mas tinha uma imensa variedade de pedras, de tamanhos diversos. As pessoas que trabalhavam nessa loja eram muito atenciosas e especialmente gentis. Eu conversava com uma das atendentes sobre alguns tipos e influências que elas poderiam exercer, quando uma pequena pedrinha "se atirou no meu colo". Parecia que a pedra tinha me escolhido e não o inverso. Analisei a pedrinha de um tom cinza grafite que mais parecia um metal em estado líquido, com uma pequena argola fixada, fazendo dela um pingente. Pensei se eu tinha tido uma alucinação. Mas respondendo aos meus pensamentos a atendente disse:

- É. Parece que a pedra te escolheu. Eu já tinha visto isso antes, mas – ela fez uma pausa breve enquanto me analisava dos pés à cabeça – não é tão comum.

Achei que pudesse ser só uma conversa de vendedora. No entanto não consegui mais me separar da pequena pedra. Eu já gostava dela. Observando minha expressão e adivinhando meus pensamentos novamente a atendente continuou:

- Leve a pedra. É um presente. Você deve ser alguém mais especial do que eu posso perceber apenas olhando.

Eu não esperava por aquilo! Meio sem graça, agradeci e escolhi uma outra pedra qualquer para comprar, numa tentativa inútil de retribuir tanta gentileza e atenção. Antes que eu saísse da loja ela me avisou:

- Essa pedra só vai se separar de você se for tirada. Ela te escolheu! – a vendedora me lembrou.

Eu passei a usar a pedra como pingente de uma corrente prateada que eu havia ganhado da minha mãe. Durante muitos anos ela estaria comigo.

Os dias começaram a passar cada vez mais rapidamente. A companhia de Mabel e Adorabella fazia tudo parecer melhor, mais divertido. O mundo tinha cores mais bonitas quando eu estava com elas, ou pelo menos com uma delas.

Numa tarde chuvosa combinei de ir à casa de Adorabella para assistirmos a alguns filmes que ela alugara. O dia estava propício. A chuva era fina e contínua. Estava levemente frio. Uma temperatura agradável e convidativa para se aconchegar em frente à tv. Bella adorava fazer sessões de cinema na sua casa. Normalmente ela convidava seis ou sete amigos e a gente se amontoava na sala da tv. Pipoca nunca faltava na casa de Bella. Ela era uma anfitriã impecável. Adorava receber convidados e promover festas era sua especialidade. Era como um ímã, atraía as pessoas dos mais diversos tipos. O oposto de mim que preferia me esconder embaixo de um disfarce invisível. Mas eu gostava do jeito dela. Naquela tarde, contrariando o costume, preferimos ficar só nós duas. A casa de Bella era grande. Os quartos ficavam no andar de cima. Na parte inferior ficava uma saleta com algumas poltronas e um sofá onde aconteciam as famosas sessões de cinema. Antes de colocar o filme, ela quis me mostrar uma nova maquiagem que comprara. Subimos as escadas até o quarto e acabamos perdendo a hora, conversando sobre futilidades femininas. Bella me conhecia, sabia que eu podia enxergar coisas que os outros não veem. No entanto, dificilmente tocava nesses assuntos. Ela morria de medo! Eu respeitava isso. Só que naquela tarde, do nada, vi alguém. Um homenzinho de chapéu pontudo, do tamanho de uma criança de dois anos, correndo e passando atrás de Bella sem que ela sequer imaginasse. Ele ria como uma criança

levada que acabara de fazer arte. Repentinamente, Bella virou-se olhando a sua volta e retornando a me olhar. Pela minha expressão, ela devia ter percebido que eu tinha visto algo. Pelo menos foi o que imaginei.
- Você viu algo? – ela me perguntou meio assustada.
- Vi o quê? – me fiz de desentendida para não alimentar seu medo.
- Lena! Não se faça de boba! – ela exigiu – Eu sei que você viu!
- Tudo bem Bella. Não foi nada de mais. Fique calma! – eu tentei tranquilizá-la.
- Como eu posso ficar calma se você me esconde o que viu? – ela estava mais nervosa que de costume.
- Tudo bem. Foi só um gnomo brincando. – respondi.

Então ela deu um salto para o meu lado ficando de frente para o lugar onde eu o havia visto passar.
- Calma menina! Ele já foi! – tentei acalmá-la sem compreender bem seu susto.
- Ele estava rindo como uma criança travessa, não é? – ela finalmente me contou.

Foi a minha vez de pular! Adorabella também via esse tipo de coisa? Fiquei em choque! E ligeiramente feliz, eu não era tão diferente assim afinal!
- Você o viu? – perguntei automaticamente
- Claro que não! – ela disse – Se tivesse visto teria desmaiado ou morrido de susto! Eu só ouvi uma risadinha e uns passos como se alguém corresse, quando me virei para olhar, não tinha ninguém.

Antes que eu pudesse falar qualquer coisa, ou pensar numa explicação, Bella já argumentava:
- Acho que imaginei isso. Só pode ser! Afinal, quem vê e ouve essas coisas é você. Você é a bruxa! Eu sou só uma simples mortal. É isso, não é? – ela tentava se convencer,

fazendo perguntas e respondendo-as sem precisar que eu concordasse.

Era mais uma constatação que uma pergunta. O medo tomava conta dela. Achei melhor concordar e dar o assunto por encerrado. Porém, aquilo não saía da minha cabeça. Como aconteceu? Por quê? Será que eu era "contagiosa"? Ri mentalmente da minha própria suposição. Entretanto continuava com a recordação daquela cena na minha mente, martelando, martelando, ...

Saí de lá pensativa. As vozes discutiam comigo dentro da minha cabeça enquanto eu fazia o curto caminho até em casa.

- Você sabe que ela ouviu. – repetia a voz.
- Ela tem um dom, assim como você. – outra voz me contava – Mas o medo bloqueia as sensações dela. – continuava.
- Você não pode negar isso! Não pode fingir que foi imaginação como ela fez. Você estava lá, viu tudo acontecer. – insistia a primeira voz.
- Com o tempo ela se acostuma. – pensei contente.
- Não! – disseram as vozes – Ela irá negar cada evento! Você precisa estar ao lado dela para mostrar que não é tão apavorante quanto parece. Cabe a você fazer com que ela aceite seu dom.
- Só me faltava essa! – resmunguei baixo.
- Pense que quando ela aceitar você terá uma aliada. – disse uma das vozes.

Mas Bella já era minha aliada, só que de um jeito diferente. Era interessante pensar que ela também tinha habilidades especiais. Eu, de fato, não era a única! Vibrei com essa ideia! Por outro lado eu não tinha a menor noção de como fazer com que ela perdesse o medo. Isso me apavorava. As vozes não paravam de falar. Sufocavam minha mente.

- Parem! – falei num tom alto demais para quem caminha sozinha pela rua. Felizmente não havia ninguém para ouvir.

- Quero ficar em silêncio! – pedi.

Elas finalmente se calaram.

Cheguei em casa e fui direto para o banheiro. Eu precisava de um longo banho para espantar os pensamentos. Liguei o chuveiro e fui logo me despindo. Com a cabeça embaixo d'água sempre me sentia melhor. Eu tinha a sensação que a água bloqueava as vozes na minha mente. Creio que também serenava meus pensamentos. Aquele banho seria perfeito se não fosse pela insistente interrupção da minha família.

- Lena, você não acha que já demorou demais nesse banho? – minha mãe falava do lado de fora.

Não era uma pergunta.

- Já estou terminando, mãe! – respondi irritada.

A hora do banho era o momento mais sossegado do meu dia. O momento em que eu não precisava representar. Eu podia ficar quieta com meus pensamentos sem ninguém para me observar. Mas em geral eu era interrompida por algum membro da família.

- Preciso tomar banho para sair com a Bianca. – meu irmão gritava batendo na porta.

- Já disse que já vou! – reclamei.

Saí do banho meio contrariada, me vesti e fui direto para o meu quarto. Me ajeitei na cama, fiz uma oração e fechei meus olhos suavemente. Naquela noite custei a pegar no sono. Minha cabeça dava mil voltas. A ideia de não ser a única a ver ou ouvir coisas inexplicáveis me parecia simpática. Mas logo Adorabella que era tão medrosa! O sono finalmente chegou e eu dormi um sono profundo e sem sonhos. Na manhã seguinte fui para escola sem pensar muito. Ainda sonolenta cheguei ao colégio e cumprimentei alguns colegas de longe, apenas por educação. Então voltei a minha habitual invisibilidade. A primeira aula era de Biologia e eu precisava me manter atenta. Eu gostava da matéria. Não foi

um esforço tão grande prestar atenção e me focar na aula. Nas aulas seguintes eu me esforcei para não desviar meus pensamentos como fazia frequentemente. Eu não queria mais pensar no que Bella ouviu. Nem mesmo que eu teria que convencê-la de que ela ouvira. Na aula de Física uma colega que sentava ao meu lado indagou:

- Lena, você está bem hoje?

- Sim. – respondi um tanto intrigada. – Por quê?

- Você está totalmente atenta à aula, fazendo todos os exercícios sem nem piscar e respondendo a todas as perguntas dos professores. Normalmente, - ela fez uma pausa – você é bem mais distraída. Aconteceu alguma coisa? – ela fez uma cara espantada

Eu ri. E antes que eu pudesse responder qualquer coisa, o professor já estava entre nós duas com cara de desaprovação.

- Algum problema? – ele quis saber.

- Lauren estava perguntando se eu poderia ajudá-la com os exercícios – eu disse num tom sério – ela está com algumas dúvidas na resolução.

Ele me encarou por alguns instantes imaginando se o que eu havia dito era a verdade ou se eu tinha acabado de inventar uma desculpa. Me mantive séria, com um ar de dona da situação, serena e confiante. Eu era muito boa para representar. Afinal, eu fazia isso quase todo tempo. Ele olhou para Lauren que estava um tanto aflita, mas também se mantinha com uma expressão de seriedade. Como se tudo que eu dissera não passasse da mais absoluta verdade.

- Tudo bem. – ele consentiu engolindo minha versão dos fatos.

Assim, puxei minha cadeira, sentando mais perto dela para, supostamente, ajudar com os exercícios.

- Não aconteceu nada, – eu disse baixinho – apenas quero melhorar minhas notas. – respondi sua pergunta, interrompida pelo professor.
- Entendi. – ela falou sem acreditar muito nas minhas razões.

Não expressei nenhuma reação. Então ela continuou:
- Já que é assim, você se importa de realmente me ajudar com esses exercícios de Física?
- Tudo bem Lauren. Eu ajudo você. – eu disse.

Eu não tinha dificuldades em Física. E era bom ajudar alguém, assim eu me distraía. Afinal, eu já havia terminado os meus exercícios e estava considerando a possibilidade de refazê-los. Qualquer coisa agora era melhor do que pensar! A manhã voou. Voltei para casa lendo um livro. Eu continuava ocupando o tempo livre para não pensar. Evidentemente eu me pegava pensando no assunto de novo e de novo.

No dia seguinte eu já estava mais tranquila, mas ainda evitava meus pensamentos. Enquanto a professora de História traçava uma linha de tempo fazendo uma retrospectiva de fatos históricos importantes, eu vagava mais uma vez absorvida em meus pensamentos. Com os olhos vidrados no quadro cheio de esquemas e explicações e sem ver nada, eu flutuava num mundo paralelo. Um lugar onde não existia tempo, e eu podia chegar aonde quisesse num piscar de olhos.
- Lena? O que você está fazendo? – fui interrompida por Lauren que olhava espantada para minha mesa.

Um lápis estava em pé e girava lentamente. Pensei rapidamente e dei uma desculpa idiota:
- É uma brincadeirinha com ímãs. – sussurrei para ela.
- Que susto você me deu! – ela falou rindo de si mesma.
- Eu estava treinando em casa pra pegar alguém desprevenido. – brinquei – Acho que peguei você! – menti meio sem graça, fingindo que tudo não passara de uma brincadeira previamente arquitetada.

- É, me pegou! Caí feito patinha! – ela falou enquanto a professora se virava de costas.

Rimos baixinho da suposta "brincadeira".

- Tenho que redobrar a atenção! - pensei.

A professora virou-se de volta e me perguntou algo sobre o que acabara de explicar. Eu não fazia a menor ideia do que ela havia falado. Tive certeza que ela me observava enquanto eu viajava em meus pensamentos. E tinha escolhido o momento exato para me pegar desprevenida. Não daria tempo de inventar qualquer tipo de desculpa razoável. Julguei que o melhor era dizer a verdade.

- Desculpa professora! Creio ter me distraído por alguns instantes. Acho que perdi uma parte da sua explicação.

Com uma expressão desaprovadora, ela consentiu:

- Só espero que não se repita! – disse num tom ríspido.

Tive que passar o resto da aula concentrada em cada observação que a professora fazia. Eu sabia que ela estaria vigiando qualquer deslize meu. Uma fração de segundo em que eu ausentasse meus pensamentos ela perceberia.

No final da aula, Lauren quis saber como funcionava o truque do lápis.

- Pensa rápido Lena, vamos! – eu raciocinava em silêncio.

- Magnetismo! – respondi – Um simples truque de Física. Você precisa prestar mais atenção nas aulas do Prof. Sandro. – adverti com um sorriso nos lábios. Ufa! Essa foi por pouco!

- Você me ensina? – ela insistia.

Outra vez ...

- Pensa, Lena! E agora? Pensa em algo, raciocina, rápido! – eu dizia mentalmente para mim mesma, tentando manter uma expressão casual.

- Ora Lauren! Que graça teria a brincadeira se todo mundo soubesse qual é o truque? – falei.

- Tem razão! – ela disse parecendo conformada – Eu fiquei curiosa, mas... – fez uma pequena pausa – deixa pra lá. Tchau! Até amanhã.
- Até amanhã! – eu disse e finalmente respirei.

Ela se foi!

Os dias foram passando e eu comecei a perceber que já dominava melhor minhas habilidades um tanto incomuns. Já conseguia fazer pequenas travessuras como testes. Coisas relativamente simples, como garantir que a bola de basquete caísse dentro da cesta quando ela rodava no aro, ou fora quando era na tabela do time adversário. Ou então, que alguma colega cheia de si tropeçasse bem na frente dos garotos, só pra acabar com a pose de "perfeitinha". Apesar de saber que não era certo, eu não podia negar que era engraçado. Eram pequenas travessuras de uma garota de quinze anos. Porém nem sempre dava certo. E algumas vezes a situação fugia do meu controle. Também notei que começava a exercer um estranho poder de atração com os meninos. E isso era infalível. Os olhares começavam a se voltar pra mim. O patinho feio estaria se transformando num belo cisne? Eu não compreendia bem o que estava acontecendo. No entanto sabia que era o fim da minha invisibilidade! Eu teria que ser extremamente cuidadosa daqui para frente.

No 2º ano do Ensino Médio acabei entrando para o time feminino de basquete. Rapidamente me tornei a cestinha do time. Jogamos vários campeonatos entre escolas. O time começou a ter um incrível número de vitórias. Tive que controlar meu ego para não ficar convencida. Eu tinha pavor de pessoas que se achavam boas demais! Eu nunca seria uma delas! Dei-me conta que precisava errar vez ou outra para me manter fora de suspeitas. Em alguns jogos eu errava bastante no início, deixando o time adversário abrir vantagem e equilibrava o placar mais no final. Assim era mais

emocionante. Pelo menos para mim que me divertia com a situação. Quando reclamavam do meu desempenho, eu simplesmente dizia que não estava num bom dia. Eu me tornava uma boa mentirosa, quase uma atriz. Acabei me aproximando mais de algumas colegas, mas nunca consegui confiar em nenhuma delas. Continuava fechada como uma ostra.

Consegui me formar no Ensino Médio sem despertar suspeitas. Pensei que finalmente eu poderia parar de atuar. Entretanto eu saí do colégio, não do mundo. Logo me toquei que teria que continuar meu teatro aonde quer que eu fosse. Isso me chateava. Eu estava cansada de representar.

Perdi as contas de quantas vezes rezei e implorei a Deus para não saber mais sobre o futuro, não ouvir mais as vozes, não sonhar, não mover objetos ou quebrar vidros e, finalmente, para deixar de enxergar os dois mundos quase simultaneamente. Com o tempo, as vozes passaram a falar menos dentro da minha cabeça, eu tinha premonições menos frequentes, todavia minhas habilidades incomuns ainda estavam lá. Eu ainda era diferente e ainda necessitava representar.

Apesar disso, a cada dia eu estava mais sociável. Eu passei a sair mais, frequentar festas e reuniões de amigos. Minha invisibilidade era coisa do passado. Eu já não me importava tanto com isso. Contudo, tinha que estar muito mais atenta aos meus atos. Mab também começou a sair mais. Saíamos juntas na maioria das vezes. Adorebella era a festa em pessoa. Não era preciso insistir para que ela aceitasse ir a uma festa. Ela adorava estar no meio de um monte de pessoas. Era seu habitat natural. Saíamos quase todos os fins de semana. Nas festas, me divertindo, dançando, descobri um estranho poder de atrair a admiração das pessoas, sobretudo dos garotos. Notei que era muito simples fazer um garoto me ver e querer me conquistar. Vi também que despertava

admiração de outras garotas. No início eu não sabia bem como fazia, apenas acontecia. Aos poucos fui me dando conta de cada etapa. Contei para Bella e Mab. Passamos a testar minhas habilidades de atração e sedução como se fosse um jogo. Sempre chegávamos nas festas quando já estava cheio, todos dançando e se divertindo. Eu circulava com minhas amigas para ver quem seria o eleito. Depois escolhia um local para dançar, não muito próximo ao garoto, mas de onde certamente ele me observaria. Dançávamos com entusiasmo, sem dirigir os olhos para ele. Cada passo ou gesto era cheio de malícia e sensualidade. Tudo friamente calculado. Esperava pacientemente ele me observar, analisar cada detalhe. Como se fosse "sem querer", eu olhava para ele e desviava rapidamente, fingindo estar envergonhada. Sorria suavemente, como se fosse para mim mesma, de forma doce e levemente maliciosa, sem olhar mais naquela direção. Normalmente o garoto se aproximava um pouco mais, ou ficava onde estava, mas totalmente vidrado. Começava a segunda parte do jogo. Olhares furtivos, ora tímidos, ora determinadamente sedutores e maliciosos se alternavam. Isso lhes provocava a alma! E eu podia ver claramente. Não tinha nada a ver com beleza. Era como uma hipnose, um feitiço que meus olhos lançavam. Eles não podiam evitar. Essa possibilidade não existia. Eu me sentia poderosa, mas temia ficar presunçosa. Nunca falhava! Inevitavelmente o garoto se aproximava e tentava me conquistar, totalmente envolvido pelo meu jogo de sedução. Eu aproveitava cada momento. No entanto, não me envolvia. Era fria de sentimentos. Isso me perturbava. Eu era capaz de ter qualquer garoto, ardente de paixão, porém não conseguia sentir nenhum tipo de afeto por ele. Quando me cansava escolhia dois e provocava uma pequena competição. Depois desaparecia. Muitas vezes me sentia como um animal selvagem caçando, escolhendo a presa. Eu apenas deixava que eles pensassem que me escolhiam e que tinham que me

conquistar. Mas a verdade é que era eu quem os caçava! O jogo era divertido, mas foi perdendo a graça com o tempo. Era fácil demais. Eu queria sentir algo diferente, me apaixonar perdidamente, ficar cega de amor! Queria fazer as bobagens que somente os apaixonados são capazes, ter aquele sorrisinho bobo nos lábios, o olhar perdido, suspirar sem razão. Isso não acontecia. Esse era o preço. Eu era fria. Desprovida de emoções desse tipo. Eu namorava, tentava me envolver, gostava do garoto, mas sabia que aquela relação nascia com "prazo de validade". Eu sabia que não era para sempre. Aprendi a curtir os bons momentos tendo em mente que seriam fugazes e inevitavelmente acabariam. Mab não entendia como eu era capaz de agir assim. Bella não fazia julgamentos. Ela tentava ver o meu ponto de vista. Eu realmente não sei se ela conseguia. Dentro de mim eu desejava, com toda minha força, encontrar alguém por quem eu finalmente me apaixonasse.

Naquela tarde fui visitar minha tia. Eu gostava muito dela. Era como uma segunda mãe para mim. Quando eu era criança, diversas vezes eu ficava na casa dela enquanto minha mãe trabalhava. Ela também me conhecia bem. E embora não entendesse o que acontecia comigo, assim como os outros, ela apenas me aceitava.

- Oi tia! – eu disse assim que passei pela porta.

- Oi querida! Eu estava sentindo sua falta. Você andou sumida nos últimos tempos.

- Muitas festas! – respondi – Tenho saído mais, conhecido muita gente.

- Isso é bom! – ela disse no seu tom doce e sereno.

Ela sempre me incentivava a sair mais, a ser mais sociável. Eu finalmente estava seguindo seus conselhos.

- Você quer conversar um pouco? – ela continuou, percebendo minhas inquietações.

Realmente ela me conhecia muito bem. Ela analisava minha expressão sem me julgar. Era tão doce e amável que eu não conseguia deixar de fazer o que ela queria. Com muita tranquilidade e sua doçura constante, ela me levou até o sofá.

- O que lhe preocupa? – ela disse num tom maternal.

- Eu não sei bem como explicar. – comecei.

- Comece pelo começo, – ela disse sorrindo – sem pressa! Temos a tarde inteira!

Pensei alguns instantes. Não sabia como dizer que eu era tão fria, sendo uma pessoa tão sensível. Era totalmente contraditório!

- Bem... – respirei fundo – eu me envolvo com os garotos, porém não consigo... – as palavras se arrastavam.

Eu não conseguia concluir a frase. Talvez porque ela não expressava o que realmente ocorria.

- Me explica melhor, devagar. – ela me olhava no fundo dos olhos, esperando pacientemente que eu continuasse.

- Eu não consigo me apaixonar, gostar de alguém de verdade, entende? – aquilo saiu como uma ventania, rápido e forte, uma avalanche de palavras.

Ela sorriu e ficou me olhando fixamente por uma fração de segundo. Então respondeu:

- E onde está o problema?

- Eu acho que sou fria, não sou capaz de amar! Isso me apavora! – as palavras rasgavam minha garganta, cortantes.

Foi difícil confessar que eu era insensível.

- Você é uma das pessoas mais sensíveis que eu conheço, Lena! Você é a emoção em pessoa! Se você não sente amor por um garoto talvez seja porque ainda não encontrou a pessoa certa. – sua voz era serena e continha ternura em cada palavra.

- Mas tia! – meus olhos estavam cheios de lágrimas que teimavam em se jogar pra fora – Será que existe esse alguém?

Será que algum dia vou encontrar essa pessoa? Você realmente acredita nisso? – disparei.
- Calma, minha querida! Uma pergunta de cada vez! – ela passou o braço em volta de mim, me confortando – Tenho certeza que essa pessoa existe sim. Alguém como você merece encontrar uma pessoa igualmente especial. Não chore assim! – disse limpando as lágrimas teimosas – Você precisa apenas buscar por ele e esperar o tempo certo!
- Tia, você acredita nessa coisa de almas gêmeas? – perguntei meio encabulada, falando baixo e desviando o olhar.

Ela refletiu alguns instantes e disse:
- Sim, eu acredito. Eu acho que todas as pessoas têm uma alma gêmea. Porém, somente algumas são merecedoras desse encontro. – finalizou.
- E por que justo eu seria merecedora? – as palavras brotavam e saíam sem que eu as pudesse controlar.
- Ora Lena! Não seja tão dura consigo mesma! – sua expressão ficou séria – Você sabe muito bem o quanto é especial. E isso não se refere à nada que você possa fazer. Mas a sua imensa capacidade de ser boa, cheia de sensibilidade, incapaz de pensar em si mesma antes de olhar em volta. Você é verdadeira e transparente em seus sentimentos! Tanto que está aflita por pensar que pode estar magoando alguém. – ela me olhou com doçura novamente.
- E como será? Como vou saber se é ele? – indaguei ansiosa.
- Quando você estiver diante dele, simplesmente, saberá! O que o futuro lhe reserva é somente seu e está guardado.

Respirei fundo e relaxei um pouco. Fomos para cozinha preparar um bolo. Eu adorava ajudá-la na cozinha. Descobri que me dava prazer cozinhar. Tomamos um chá e comemos bolo. Foi uma tarde deliciosa. E eu me sentia menos cruel. Não totalmente inocente, todavia mais aliviada e feliz.

- Capítulo II -

O ENIGMA

... eu passeava de carro por uma avenida conhecida da cidade. Havia movimento de carros e de pedestres naquela hora, mas nenhum congestionamento. O dia estava tranquilo e ensolarado. Lembrava muito um dia de primavera, com temperatura agradável, o céu azul sem nuvens, uma brisa suave, as árvores floridas, tudo em perfeita harmonia. Adorabella estava comigo. Eu guiava o carro sem pressa. A conversa era alegre.

Repentinamente, um carro cruzou o sinal vermelho em alta velocidade. Vários carros frearam bruscamente. Prendi a respiração por um instante. Pisei no freio com muita força, mas não conseguia parar o carro que teimava em continuar deslizando pela rua e indo de encontro ao outro veículo. Parecia que tudo estava acontecendo em câmera lenta e eu acompanhava, a cada fração de segundo, todos os detalhes daquele terrível acidente. Meu carro deslizava pelo asfalto deixando marcas largas no chão. Estava cada vez mais próxima da colisão. Eu continuava com o pé no freio inutilmente. Olhei para Bella num segundo que pareceu durar um pouco mais que isso. Meus olhos estavam tristes e assustados. Os dela também. Pensei ter visto, naquele curto segundo, uma lágrima se formar e molhar os lindos olhos cor de mel da minha amiga. Estávamos diante de algo inevitável. Voltei minha atenção para frente outra vez. Tentei ajudar parando o carro com a mente. Mas ele era grande demais e eu

não tinha tanto controle assim. Fiquei vendo o outro veículo a minha frente, cada vez mais perto. Então senti o choque da colisão. Forte e barulhento. Vi Bella apertar forte os olhos e se encolher. Ouvi barulho de gente gritando lá fora. Comecei a ver meu carro sendo amassado lentamente. Tudo foi ficando retorcido. Lá dentro, o espaço ia se restringindo a cada milésimo de segundo. O ar ficou pesado dentro dos meus pulmões. O tempo voltou a correr normalmente. Acabou o efeito câmera lenta. Tive a sensação de estar com uma repentina tontura. Nesse instante notei que era o carro que dava voltas sobre si mesmo. Uma capotagem. Não sei dizer quantas vezes giramos até parar. Foi rápido demais! Sentia o gosto de sangue na boca. Sentia-me presa e dolorida. As minhas pernas pareciam queimar, latejar, ardiam, rasgadas pelas ferragens. Tinha sangue para todo lado. Meu corpo todo estava queimando de dor. Olhei para Bella. Ela estava numa situação semelhante a minha. Porém seus olhos estavam vazios, distantes!

- Bella!!! – gritei com toda força que ainda me restava.

Ela me olhou por um momento, ainda com o olhar meio vago, esticou levemente os lábios como quem deseja sorrir e soltou o corpo, amolecendo.

- Bella, por favor!! – eu gritava reunindo todas as minhas forças e me esquecendo da dor latente.

Não sei dizer o que doía mais. Meu corpo ou meu coração. Fiquei em silêncio deixando a dor me corroer por dentro. Eu não tinha forças para chorar. Ainda lembro de ter tido tempo de me sentir culpada por não ter previsto aquilo ou por não ter sido capaz de parar o carro, nem com os freios, nem com a mente! Senti-me inútil. Impotente. A pior pessoa do mundo. Incapaz de livrar minha amiga daquela tragédia. Uma sensação de torpor dominou meu corpo. Como num passe de mágica, eu não sentia mais dor. Somente um imenso

vazio. Meus olhos ficaram vidrados. Permiti que o vazio me dominasse por inteiro.

Muito assustada e com a face molhada pelas lágrimas acordei dando um grito e um salto da cama. Uma sensação de alívio passou por todo meu corpo. Respirei fundo devagar para me acalmar.

Minha mãe entrou correndo no quarto.

- Filha? Tudo bem? – minha mãe perguntava, já dentro do meu quarto.

Ela me olhava meio assustada e sem ter certeza do que fazer. Somente nesse momento percebi que havia quebrado um copo que continha água e ficava no móvel ao lado da minha cama. Sacudi a cabeça tentando compreender o que acontecia. Então respondi com a voz trêmula:

- A-a-cho q-u-e-e s-i-m, m-ã-e! – gaguejei. Ainda respirando fundo e tentando me acalmar – Foi um pesadelo! – expliquei.

- Tudo bem, já passou. – ela disse com voz terna – Pode sossegar agora. – Ela me fitou os olhos por alguns instantes fazendo uma pausa e perguntou – Quer me contar?

Sacudi a cabeça dizendo que não. Não queria mais pensar naquele horror. Muito menos falar sobre aquilo.

- Vai ficar bem? – ela perguntou analisando minha expressão assustada.

- Acho que sim. – disse.

Mesmo assim ela ficou comigo até eu me acalmar completamente e adormecer outra vez. Talvez tenha velado meu sono. Eu não a vi sair do meu quarto.

Na manhã seguinte, eu já estava melhor. Os cacos de vidro já não estavam ali. Provavelmente, minha mãe os havia tirado e jogado fora muito antes de eu acordar. Eu me sentia bem, mas não queria pensar em nada. No entanto não tinha como não pensar no sonho. Afinal, não era a primeira vez que sonhava exatamente igual. Eu já tinha tido esse sonho

inúmeras vezes, há anos. Mas ultimamente a frequência tinha aumentado de maneira considerável. Depois da primeira vez que tive esse sonho, levou mais de um ano até ele se repetir. Entretanto, conforme eu crescia, o tempo entre as repetições do sonho reduzia. Nesses momentos eu lembrava de rezar e pedir que tudo fosse apenas um sonho ruim. Todavia, eu sabia que não era assim, existia algo mais. Ainda que eu não compreendesse exatamente o que era. Eu tinha que conversar sobre isso com alguém! Decidi que Adorebella era a pessoa indicada, afinal ela estava lá. Eu levaria alguns dias até criar coragem de tocar nesse assunto com ela. Eu sabia que para ela seria assustador. Eu não sabia como começar. Mas de algum modo, eu precisava fazer isso. E eu acharia um jeito.

Abri a janela do quarto e coloquei a cabeça para fora. Outro dia frio. Diferentemente da primavera do meu sonho, fazia frio naquela manhã de sábado. O céu estava nublado e o vento soprava forte e cortava minha face. O sol era apenas uma mera lembrança. Ele não aparecia há dias! Fechei a janela, me vesti e fui tomar café. Minha mãe estava à mesa.

- Está melhor Lena? – ela perguntou.
- Sim, mãe, obrigada! – disse sem muito entusiasmo.
- Voltou a sonhar depois que adormeceu? – ela quis saber.
- Não mãe. Dormi como um anjo! – brinquei.
- Você lembra se esbarrou no copo? – ela perguntou com certa curiosidade, mas cautelosa.
- Não lembro. – eu disse.

Embora nós duas soubéssemos que o copo quebrou sem ser tocado. Fingimos que não sabíamos e o dia seguiu seu rumo.

Tomei um copo de leite com achocolatado e comi um biscoito sem muita vontade. Eu nunca tinha fome pela manhã. Terminei mais rápido do que pensava. Levantei e, antes de sair da cozinha, olhei para minha mãe com carinho.

- Obrigada por ontem à noite, mãe! – eu disse – Foi muito importante para mim que você estivesse ao meu lado. Eu me sinto mais segura com a senhora olhando por mim. – completei.
- Não foi nada, filha. – ela respondeu com doçura.

Antes de deixar a cozinha tive uma rápida sensação de ouvir o telefone tocar. Eu sabia o que significava aquela sensação.
- O telefone! – falei sem querer.
- O quê? – minha mãe perguntou.

Mas antes que eu pudesse dizer qualquer palavra ouvimos o sonoro barulho do telefone chamando.
- Eu atendo. – falei enquanto me dirigia até o telefone.
- Mab? – perguntei antes de dizer "alô".

Do outro lado da linha, Mab reclamava:
- Detesto quando você faz isso!

Eu ri.
- Desculpa. Foi automático. – respondi – Mas você preferia que eu fingisse que não sabia que era você? – indaguei curiosa.
- Claro que não! – ela respondeu sem muita paciência – Mas um "alô?" seria bem simpático, não acha?
- Está bem. – falei sufocando o riso – Na próxima vez eu digo "Alô? Mab?" – ri baixinho – Está bem assim?
- Está bom – ela disse meio incomodada com meu tom de brincadeira.
- Você não parece estar de muito bom humor hoje. Aconteceu alguma coisa? – perguntei mudando de assunto.
- Mais ou menos. Minha mãe está me enchendo a paciência por causa da festa à fantasia de hoje. – ela disse rangendo os dentes.
- Ué? – me espantei – Pensei que esse assunto já tinha terminado!

- Eu também. Mas hoje de manhã ela me perguntou aonde eu iria, tão cedo, em pleno sábado. E eu disse que iria sair para comprar os últimos detalhes da minha fantasia. E então ela torceu o nariz e perguntou se eu ainda não tinha desistido de ir a essa festa. Que eu andava saindo demais, que gastava demais com festas, e todo aquele papo que você conhece bem. – ela desabafou.
- E você disse o quê? – eu quis saber.
- Nada. – ela continuou – Me tranquei emburrada no quarto pensando no que deveria fazer. Eu sei que ela não vai me prender em casa. Por outro lado, também sei como ela vai ficar se eu for. No mínimo uma semana de mau humor, sem contar a cara fechada, o silêncio constrangedor e os intermináveis sermões! Ai que raiva! – ela explodiu – Ela vai dizer que se tenho idade suficiente para sair e ser dona do meu próprio nariz, também posso fazer minhas coisas sozinha, sem ficar pedindo a ajuda dela. Que para ser independente tenho que assumir responsabilidades e aceitar as consequências de todas as minhas escolhas. E só então poderei me considerar adulta e dona da minha vida! – ela disse num tom meio agressivo.
- Calma Mab! Isso não é uma guerra. É só uma festa. Se o clima vai ficar tão ruim, talvez a gente deva repensar. Eu sei o quanto você está animada! Eu também estou. Só que temos que pensar se essa saída de hoje não vai complicar as próximas semanas. Quem sabe a gente fica em casa hoje e deixa pra sair no próximo fim de semana, sei lá! – tentei acalmar as coisas.

Eu estava em pé ao lado da mesinha do telefone, olhando para o nada como de costume. Mab começou a reclamar novamente, porém eu me perdi em suas palavras que ficaram distantes de repente. Uma imagem se formou na minha frente. Vi-me com Mab na tal festa à fantasia, dançando. Não fazia o menor sentido, porém eu não

conseguia mudar a visão. Mab estava lá, dançando, alegre, fantasiada de diaba. Eu, vestida como uma princesa de contos de fadas me divertia ao lado de Mab. Como era possível? Minha pergunta não foi respondida. E assim como veio, a visão se foi! Instantaneamente me lembrei que tinha deixado Mab falando sozinha. Eu não sabia quanto tempo havia passado. Eu perdia a noção de tempo cada vez que surgia uma visão. Voltei a me concentrar nas palavras de Mab.

- ... e então estou aqui, sem saber direito como agir! – ela finalizou seu discurso.

Eu não tinha a menor noção do que dizer. Ainda mais depois daquela visão totalmente absurda. Resolvi dizer a verdade. Somente a verdade.

- Mab, me desculpe – comecei – eu não ouvi quase nada do que você disse. – falei meio sem graça. – Eu tive outra daquelas visões. Você sabe como é – fiz uma breve pausa – elas surgem quando menos se espera e eu fico "fora do ar".

- O que você viu? – ela perguntou interessada.

- Bem... – fiz uma pausa – aí que está o problema. Eu vi a gente na festa, curtindo, dançando, alegres. Não faz sentido! – concluí.

- Talvez essa seja a resposta! – ela comemorou – Talvez eu deva enfrentar a situação e ir. Depois vejo o que acontece!

- Não acho que seja bem isso. Eu vi a gente lá. Porém não sei como. A impressão que tive é que tudo aconteceu de forma tranquila, sem brigas ou enfrentamentos. – refleti – Eu creio que o melhor é você preparar sua fantasia e deixar as coisas acontecerem.

- Mas esperar acontecer o que exatamente? Um milagre? – ela disse num tom irônico.

- Talvez. Para a sua mãe nos deixar sair assim, numa boa, depois de ter dito que não... só um milagre mesmo! – eu ri. – Mas algo há de acontecer. Porque eu nos vi na festa!

Eu não tinha dúvidas que estaríamos lá. Entretanto não tinha noção de como isso iria ocorrer. Era muito estranho ficar sentada esperando acontecer algo que eu nem sabia o que era. Mab sabia que minhas visões eram precisas. Mas, do mesmo modo que eu, não entendia como ou o que faria sua mãe mudar de ideia. Mesmo assim ela ia sair para comprar os últimos detalhes da fantasia.

- Bom, então tenho que me apressar. Ainda preciso terminar minha fantasia. – ela falou num tom alegre.

- Está certo. Me liga quando terminar. – eu pedi – Um beijo, tchau.

- Beijo pra você também. Tchau.

E desligou.

A minha fantasia já estava pronta. Eu já tinha arrumado tudo, faltava apenas passar o vestido. Isso eu faria mais tarde. Agora eu precisava falar com Adorabella. Iniciei o trajeto até a casa de Bella com passos rápidos. Estava ansiosa e misteriosamente feliz. A visão da festa havia melhorado muito meu humor naquela manhã gelada. Contudo, as imagens do sonho insistiam em me atormentar. Aquelas cenas iam e vinham na minha cabeça. Comecei a ouvir as vozes outra vez.

- Esse sonho poderá ser seu futuro se você não cumprir a sua missão. – uma das vozes falou.

- Entretanto, o futuro é mutável. O que ainda não aconteceu pode ser alterado. Depende de você. – a outra voz completou naquele tom sem emoção.

- Como assim? Que missão? – perguntei em voz alta no meio da rua, deserta naquela hora.

- Você pode fazer algo para alterar o seu futuro, fazendo daquele acidente apenas um sonho sem importância. – a voz comentou.

- Mas o que devo fazer? Qual é a missão? – pensei.

- Encare como um importante aprendizado. Você precisa apenas fazer o que qualquer ser humano é capaz. A coisa mais simples do mundo. Aquilo que qualquer um pode fazer, mas nem todos o fazem. – a voz continuava com seus enigmas.

Eram raros os momentos em que elas falavam diretamente. Normalmente as vozes faziam uma espécie de jogo de palavras, enigmas. Eu precisava pensar. Eu tinha que descobrir a charada. Parei numa praça que havia no caminho, sentei-me num banco e fiquei raciocinando. Eu tinha que descobrir minha missão.

- O que qualquer um é capaz de fazer? Uma coisa simples, porém algo que eu ainda não consegui fazer. O que poderia ser? – eu pensava – E o que Bella tinha a ver com tudo isso?

- Vocês duas têm uma ligação muito forte e antiga. Laços de outras vidas, de outros tempos. – outra voz se intrometeu nos meus pensamentos – Nenhuma das duas conseguiu ter, nessa vida, o que há de mais simples e grandioso. – a voz continuava – No entanto, se apenas uma de vocês o fizer, as duas estarão salvas do fim que o sonho revelou. – sentenciou e voltou a se calar.

- O que pode ser? – eu pensava – O quê?

No entanto as vozes emudeceram. Eu sabia que elas estavam ali e que me ouviam. Todavia o recado já havia sido dado. Elas não me dariam mais pistas. Então, voltei a andar antes que congelasse ali, parada no meio da praça. Fui caminhando lentamente para casa de Bella, pensativa. Mais do que nunca, eu precisava falar com ela sobre o sonho. Não dava para adiar. Quando estava bem próxima da casa de Bella tentei espantar os pensamentos da minha cabeça. Eu não podia chegar com uma expressão tensa, preocupada. Forcei um leve sorriso e toquei a campainha. Quando a porta se abriu, a mãe de Bella me recebeu com um sorriso sarcástico.

- Olá, Dona Hilda! – cumprimentei.

- Oi Lena! Adivinha onde está a sua amiga? – ela falou rindo.

Eu sabia exatamente o que ela queria dizer. Adorabella estava na cama ainda, dormindo profundamente. Ela amava dormir até tarde. Sempre que podia, fazia isso. Porém, sua mãe ficava contrariada, achando que ela estaria perdendo uma parte importante do dia. Na verdade, Mab e eu também adorávamos dormir até tarde. Contudo, Bella era a campeã sem sombra de dúvidas! Uma vez chegou a dormir até às quatro da tarde.

- Pode subir lá no quarto e chamar a dorminhoca. – ela disse ainda com um sorriso meio sarcástico.

Eu nunca perguntei, entretanto tinha a impressão de que a sua mãe ficava feliz por acordarmos Bella ainda antes do almoço.

Bati na porta do quarto. Nenhuma resposta vinda lá de dentro. Como eu imaginava, ela dormia profundamente. Entrei devagar. Cheguei ao lado da cama, me abaixei, puxei a coberta para descobrir o rosto dela. Ela estava com um ar tão sereno!

- Bella? – eu disse baixinho.

Ela nem se moveu. Continuou dormindo profundamente. Parecia um anjo desacordado.

- Bella? – chamei um pouco mais alto, mas ainda num tom moderado.

Dessa vez ela se virou, respirou fundo. Remexeu-se na cama e se ajeitou noutra posição.

- Acorda dorminhoca! – brinquei – Acorda Bella adormecida! – continuei em tom de brincadeira – Desse jeito você será Bella desmaiada! – eu disse rindo.

Ela abriu um imenso sorriso, se espreguiçou e abriu os olhos.

- Lena! Bom dia! – ela disse animada ao me ver – Que horas são?

- Já passa das onze horas! – eu disse.

- E você tem coragem de me acordar a essa hora? – perguntou bem séria.

Em seguida caímos na gargalhada! Bella era muito brincalhona. Fazia de tudo uma piada.

- Ainda bem que é você! – ela falou.

Sem entender, mas já imaginando o que estaria por vir de uma mente tão criativa, perguntei o que ela queria:

- Por quê?

- Já imaginou se fosse um pretendente a namorado? – ela falou fazendo uma cara de espanto – Desistiria na hora! – e gargalhou.

Eu também ri.

- E o que um candidato a namorado estaria fazendo no seu quarto enquanto você dorme, numa manhã de sábado, e com a sua mãe de guarda lá embaixo? – disparei, entrando na brincadeira.

- Realmente seria impossível! Ainda mais pelo fato da minha mãe estar lá embaixo de guarda! – ela disse entre as risadas.

- Bom, tirando o fato de a sua mãe estar de guarda lá embaixo... ainda assim seria surreal! – eu falei – A menos que... – fiz uma pausa. Ela arregalou os olhos – ele fosse completamente apaixonado por você. Então nem se importaria com a sua cara amassada ou com o ronco!

- Ronco? – ela perguntou apavorada.

Eu comecei a rir sem parar! E ela entendeu que a parte do ronco eu tinha inventado. Imediatamente, ela saltou da cama e começou a fazer cócegas na minha barriga sem parar.

- Era brincadeirinha, brincadeira! Para! – eu falava ofegante em meio a gargalhadas – Tudo bem! Eu juro que você não ronca!

Então ela parou, eu recuperei o fôlego e rimos juntas. Respirei fundo outra vez.

- E então? Animada para festa? – perguntei.

- É lógico! – ela respondeu sem pensar – Se vai acontecer uma festa animada na cidade é porque eu estarei nela! – completou cheia de si.
- Como você é modesta! – falei zombando dela.

Rimos outra vez.

- Vamos falar sério? – eu perguntei. Todavia eu sabia que era quase impossível falar sério com Bella – E a sua fantasia? – disparei sem esperar que ela respondesse a primeira pergunta.
- Humm – ela fez uma cara de suspense – continua sendo segredo!

Fechei a cara.

- Segredo para mim? – perguntei com "olhar pidão".
- Segredo é segredo! – ela disse depois de um tempo – Se eu contasse não seria mais um segredo! – concluiu.
- Mas Bella! Eu ...
- Não adianta! Seus truques sentimentais não vão me convencer – ela me interrompeu.
- Está bem, sua chata! – resmunguei – Onde já se viu guardar segredo da melhor amiga, praticamente uma irmã! – continuei com meu drama sentimentalista.

Ela riu, olhou em volta e tentou mudar o assunto.

- Como está o clima?
- Gelado. – eu disse friamente.
- Espero que não chova. – ela continuou sem dar atenção ao meu humor.
- Idem. – falei sem prestar atenção.
- Está bem! – ela disse meio irritada – Eu conto!!! Como você sabe ser irritante quando quer uma coisa que não consegue prever!! – completou a frase rindo.

Eu dei um pulo e bati palmas de entusiasmo. Sentei-me na cama muito atenta como uma criança que vai ouvir uma linda história, prestando atenção em cada detalhe.

- Eu vou fantasiada de ... – ela fez um momento de suspense, numa pausa que pareceu interminável – Cleópatra! – disse finalmente, acabando com o mistério de várias semanas.
- Uau! Vai ficar perfeita de Cleópatra! – eu falei num tom muito alto de tanta euforia.

Em seguida fiquei corada de vergonha por ter falado tão alto. Evidentemente, tudo acabou numa explosão de risadas. Quando finalmente paramos de rir, contei para ela sobre a discussão de Mab com sua mãe e, logo após, sobre a visão que tive. Ela respirou fundo, olhando para cima pensativa, e disse:
- Se você se viu na festa junto com Mab. Basta sentar e esperar que a solução, com certeza, vai cair do céu! – ela disse com um sorriso confiante.
- Vocês acreditam demais no que eu vejo! – protestei – E se não acontecer nada e Mab não puder ir? Como eu fico?
- A questão é... – ela fez uma breve pausa – vai acontecer! Você que viu, sabe que vai acontecer!
- E se eu errar? – falei alto outra vez.
- Quantas vezes você já errou? – Bella provocou.

Fiquei em silêncio. A discussão havia terminado. Que eu lembrasse, não tinha errado nenhuma vez até agora. Todavia eu temia o dia que isso pudesse acontecer e eu acabasse magoando alguém. Foi a minha vez de trocar de assunto.
- Me deixa ver a sua fantasia? – perguntei com um sorriso maroto.
- Nem por decreto! – ela gritou.
- Mas eu vou ver daqui a algumas horas? Qual é a diferença? – eu quis saber.
- Se não faz diferença, espere algumas horas! – ela sentenciou.

Fiz uma careta, torci o nariz e começamos a rir outra vez. De repente me lembrei que tinha que falar com ela sobre o sonho. Não dava para ficar adiando. Afinal eu tinha um

enigma para resolver e ela estava envolvida também. Respirei fundo, criei coragem e toquei no assunto.
- Bella – fiz uma breve pausa – tenho uma coisa séria para falar com você.

Meu tom de voz havia mudado. Ela percebeu que o assunto era importante. Bella me olhou com atenção.
- Sabe... – eu fiz uma pausa escolhendo bem as palavras – há muito tempo eu tenho um sonho repetido. Antes ele acontecia muito eventualmente, porém, conforme eu fui crescendo, ele foi se repetindo com uma frequência cada vez maior. Decididamente, não é um sonho bom. – eu disse forçando um sorriso sem graça.

Ela acompanhava tudo com seriedade, aguardando o ponto culminante da história. Seus olhos estavam atentos e deixavam transparecer certa aflição. Esse era um raro momento em que Bella estava séria.
- No sonho, eu estou no meu carro, dirigindo pela cidade, alegre. É um dia de primavera, lindo, ensolarado. Você está ao meu lado. – ela respirou fundo. Eu continuei um tanto nervosa – Então acontece um acidente. Repentinamente, um outro carro cruza o sinal vermelho e...
- Não precisa continuar! – ela me interrompeu bruscamente.

Seus olhos estavam arregalados, vidrados, como se ela estivesse vendo tudo na sua imaginação.

Eu tinha preferido poupá-la dos detalhes, contei de forma mais sintética. Mesmo assim ela parecia assustada.
- Eu sei exatamente do que você está falando! – ela disse com uma voz fria, distante.
- Como assim? – eu fiquei intrigada.
- Eu já tive esse sonho – ela me contou – exatamente como você está descrevendo, porém mais detalhado. O meu sonho era meio desfocado, mas quando você começou a contar, as lembranças dele vieram muito nítidas a minha cabeça. – ela completou.

Eu estava pasma. Em choque. Congelei por alguns instantes sem mover absolutamente nada, nenhum músculo. Aquilo era mais surpreendente do que o próprio sonho. De repente entendi: era um aviso! No mesmo instante ouvimos um barulho de algo quebrando. Um pequeno enfeite de louça havia se espatifado "do nada"!

- Desculpe-me! – falei assim que compreendi o que ocorreu – Quando fico nervosa, acabo fazendo essas coisas! – eu disse envergonhada.

- Não faz mal, Lena! – Bella falou tentando disfarçar o susto – Era só uma peça de arte, valiosíssima! – brincou para quebrar o gelo – No meu aniversário você me dá outro enfeite, de preferência, um que não quebre. – Ela completou rindo.

Então, tentei me focar no assunto:

- Eu pensei em contar porque você estava envolvida na história, eu precisava dividir isso com alguém, – falei – mas jamais imaginei que você também tivesse tido esse sonho! – exclamei.

Discutimos sobre o sonho por algum tempo, verificando cada detalhe. Contei para Bella sobre o enigma das vozes. Dessa vez ela não fez nenhuma piada, o assunto exigia seriedade. Pensamos juntas sobre as possibilidades, listando mil hipóteses sem sentido. Assim, encerramos o assunto sem chegar a nenhuma conclusão. Então combinamos que voltaríamos a falar nisso outro dia, pois naquele sábado tínhamos uma festa. E precisávamos estar com espírito de festa. Alegria era a regra do dia. E aquele assunto pesado do sonho não combinava em nada com a alegria de uma festa. Logo em seguida, me despedi de Bella e fui para casa almoçar. No caminho de volta percebi que o tempo havia mudado suavemente. Já não fazia tanto frio. Meus pensamentos voavam soltos. Cheguei em casa, almocei e fui para o quarto. Sem que eu tivesse previsto dessa vez, o

telefone tocou. Do outro lado da linha, Mab parecia mais ansiosa que de costume.
- Lena! Você não vai acreditar! – ela disse eufórica.
- O que houve com o "alô"? – reclamei em tom de brincadeira.
- Que diferença faz? Você já sabia que era eu. – ela falou meio irritada – Eu tenho algo muito interessante para contar, então não me interrompe com bobagens, está bem? – ela perguntou sem intenção de que eu respondesse. E já emendou:
- Você lembra daquele meu primo que mora em Brasília?
- Sim. – respondi sem entusiasmo – Aquele chato que sempre estragava nossas brincadeiras quando éramos crianças?
- O próprio! – ela disse sem hesitação – Só que ele cresceu e está simplesmente L-I-N-D-O demais! – exclamou.
- E como você sabe se ele mora tão longe? – eu indaguei.
- Ele está aqui em casa, veio passar uns dias – ela sussurrou – e adivinha o que mais? – perguntou rindo.

Mab estava muito entusiasmada e feliz.

- Mab! Para de fazer suspense. Eu não adivinho as coisas quando quero. – disse um tanto irritada com seu joguinho – Fala logo! – acrescentei.
- Nós vamos à festa! – ela disse eufórica novamente.
- Essa parte eu já sabia, lembra? Eu tive uma visão! – relembrei
- Nós vamos à festa porque minha mãe quer que o Marcelo se divirta enquanto estiver aqui. Simples e brilhante! – ela disparou exultante de alegria.
- Entendi. Agora me responde uma coisa... – fiz uma pequena pausa – você está assim alegre e entusiasmada pela festa ou pelo seu primo chato que virou um deus grego? – indaguei
- Bem, hã... hummmmm. Acho que pelos dois! – ela finalmente respondeu e deu uma risadinha.
- Eu não disse que a gente iria nessa festa? – falei confiante.
- Amiga, você é o máximo!

- Eu sei, eu sei – eu disse rindo.

Gargalhamos juntas. Despedi-me dela e desliguei o telefone.

O resto da tarde passou voando. É como se a noite tivesse chegado mais cedo aquele dia. Comecei a me arrumar para a festa. Passei o vestido, conferi os acessórios, separei a maquiagem. Tudo pronto! Então me vesti, arrumei o cabelo, prendi bem a coroa, fiz uma maquiagem delicada e terminei colocando algumas "joias", evidentemente, falsas. Estava pronta! Senti-me como uma princesa de fato. Linda! Caminhei até sala onde estava minha mãe. Ela me olhou detalhadamente por alguns segundos.

- Filha, você está linda! – disse com cara de surpresa – Parece uma princesa de verdade! – exclamou.

- Obrigada, mãe! – eu disse meio sem graça enquanto pensava que qualquer mãe diria que a filha está linda como uma princesa.

Ri discretamente.

- Você vai com Mabel e Adorabella? – ela perguntou.

- Sim – eu respondi – e parece que um primo da Mab também vai com a gente. – completei.

- Divirtam-se e cuidem-se! – ela recomendou.

- Está bem, mãe. – eu falei encerrando o assunto.

Saí em direção à casa de Adorabella. Chegando lá, toquei a buzina do carro duas vezes. Em alguns segundos o pai de Bella estava na porta.

- Oi! A Bella está pronta? – perguntei.

- Oi Lena! Só um minuto. – e virando-se para dentro de casa ela gritou – Ei! Cleópatra? A princesa encantada veio buscá-la!

O pai de Bella era muito brincalhão. Acho que sei de onde ela herdou o seu lado cômico e divertido.

- Já vou descer! – ouvi Bella gritar lá de cima.

Ele me olhou meio sem graça pelo atraso de Bella e disse:
- Bem... – ele revirou os olhos lentamente e fez uma careta engraçada – sabe como são essas rainhas vaidosas... – fez uma breve pausa e voltou a me olhar – elas sempre se atrasam! – e sorriu.

Eu ri mais do jeito dele do que de suas palavras.
- Tudo bem Sr. Antônio. Eu espero.
- Não quer entrar? – ele indagou.

Contudo, antes que eu respondesse qualquer coisa, Bella já estava na porta.
- Não é preciso. – Bella falou – Já estamos de saída – completou.

Bella estava deslumbrante na fantasia de Cleópatra. Ela usava uma peruca negra de fios muito lisos, cortados na altura do queixo, muitas "joias" e um vestido branco adornado com fios dourados. A maquiagem dos olhos proporcionava um toque sedutor e a deixava cheia de mistério.
- Tudo bem, garotas! Não quero atrasar vocês. – ele disse – Mas, pelo menos posso ver de perto a princesa que pretende levar minha Cleópatra? – brincou.
- Claro Sr. Antônio! – eu disse descendo do carro.

Ele me olhou dos pés à cabeça, atentamente.
- Nossa! – exclamou – Com vocês duas, lindas desse jeito, chego a ter pena de quem cruzar o caminho de vocês! – ele falou sorrindo.

Nós duas rimos.
- Está bem, pai! - Bella resmungou.

Então deu um beijo no rosto do pai e, virando-se para mim, disse:
- Vamos?
- Claro! – eu concordei.

No caminho até a casa de Mab contei para Bella o que havia acontecido para mãe de Mab mudar de ideia sobre a festa.

- Ele é bonito? – ela quis saber.

- Eu não sei – eu disse – a última vez que o vi tínhamos uns nove anos de idade e ele era um chato insuportável. Sabe aquele garotinho que é uma peste? – perguntei sem esperar qualquer resposta – Era o próprio! – concluí.

- Bom, mas ele cresceu. Deve ter amadurecido. – ela tentou amenizar minhas lembranças irritantes.

- Talvez. Porém, até eu constatar isso pessoalmente, ele continua sendo uma peste! – eu disse rindo.

Bella riu comigo. Logo estávamos estacionando o carro na frente da casa de Mabel. Como de costume, toquei a buzina duas vezes. Mab abriu a porta. Ela estava muito sedutora em sua fantasia de diaba. Os cabelos lisos, dourados, curtinhos e ligeiramente bagunçados, davam um toque moderninho à diabinha.

- Entrem um minuto. – ela pediu.

Bella e eu trocamos um olhar sem entender a razão do convite. Entramos. Ao cruzar a porta e adentrar a sala vimos logo um rapaz sentado no sofá. Moreno claro, de cabelos castanhos, olhos verdes sedutores, pele bronzeada e um olhar perturbador. Ele estava fantasiado de pirata, com a camisa meio aberta, deixando os músculos do peitoral levemente à mostra. Bella e eu trocamos olhares novamente. Realmente ele tinha ficado muito bonito. Muito interessante, eu diria. Contudo, para mim ainda era um chato. Bonito, mas chato!

- Bem, esse é o meu primo Marcelo. – Mab apresentou o primo toda orgulhosa.

Ele levantou-se do sofá, sorriu e disse:

- Muito prazer! Será que estou à altura de tão belas acompanhantes? – perguntou galanteador.

- Olá! Eu sou Adorabella – ela se adiantou, cumprimentando-o.
- E você é a Lena! – ele concluiu – Acho que me lembro de você, vagamente.

Eu sorri e cumprimentei o garoto também.
- Já podemos ir? – perguntei querendo sair logo dali.
- Só um minuto. – Bella me interrompeu – Mab, você pode me emprestar aquele seu batom? – ela perguntou piscando discretamente para Mab.
- Claro! – Mab disse – Venham comigo até o quarto. – e virando para o primo – Pode nos dar licença um segundo?

Ele sorriu concordando com a cabeça. Chegando ao quarto fui logo perguntando:
- O que foi aquilo Bella? Que desculpa mais esfarrapada!

Ela nem respondeu. Virou-se para Mab entusiasmada, quase saltitando de emoção:
- De onde saiu esse deus grego? – perguntou eufórica! – Com esse pirata, eu cruzava os sete mares! – continuou seu comentário fantasioso.
- Shhhhh! – Mab fez sinal para ela falar baixo – Ele pode nos ouvir desse jeito! – reclamou.
- Chega meninas! Ele até é interessante. – comentei – Todavia ainda é um chato. – completei meu comentário venenoso. – Um chato bonitinho, mas ainda um chato! – concluí.
- Interessante? Bonitinho? – as duas falaram simultaneamente.
- Ele é L-I-N-D-O!!! – Mab falou baixo, mas com muito entusiasmo. – Maravilhoso! – continuou.
- Perfeito! – Bella completou – Você reparou no peito, os músculos, o dourado da pele, os olhos? Aiiiii... – suspirou.
- Está bem. Mas agora podem parar de babar? Ainda quero ir à festa! – eu disse encerrando de vez o assunto.

Voltamos para sala.
- Estamos prontas. – Mab falou sorridente olhando para o primo. Então abriu a porta e disse – Então, vamos?

Despedimo-nos dos pais de Mab e assim que passamos pela porta, Mab se virou e despediu-se de seus familiares. Entramos no carro e saímos. Chegamos na festa quando já tinha bastante gente. Dessa vez não circulamos como de costume, fomos direto para pista de dança. A presença de Marcelo me deixava levemente irritada. Aos poucos o desconforto e a irritação foram passando e eu até me diverti com as histórias dele. Naquela noite eu pretendia apenas me divertir, dançar, rir com os amigos. Fazia somente dois dias que eu tinha rompido um relacionamento, não pretendia mergulhar noutra aventura tão cedo. Entretanto, o destino sempre tramava algo e me preparava uma surpresa. Sem suspeitar de absolutamente nada, eu me divertia como nunca. Num certo momento falei para minhas amigas que queria beber algo. Elas preferiram ficar dançando. A essa altura da festa Bella estava de olho num "homem das cavernas" e Mab percebia o interesse do primo por uma vampira que estava do outro lado. Fui sozinha até o bar. Quando estava quase chegando senti alguém esbarrando em mim bruscamente. Me jogou para trás. Fiquei furiosa com a falta de educação. Eu me virei para dizer uns desaforos para quem quer que fosse. Porém, antes que eu falasse qualquer coisa, um charmoso "Don Juan" mascarado disse:

- Perdoe-me! – ele falou com doçura – Está muito cheio, acabaram me empurrando e – ele fez uma breve pausa, me analisando – eu não pude evitar.

- Tudo bem! – eu falei envergonhada, baixando os olhos.

Aquilo nunca havia acontecido. Eu jamais tinha ficado encabulada diante de um garoto. Jamais! Aquilo era um sinal.

- Você está bem? – ele perguntou preocupado.

- Sim. - eu respondi.

Somente então olhei para ele com mais atenção, observando-o detalhadamente. A fantasia era muito apropriada, combinava com seu biotipo. Ele usava uma calça

preta, camisa branca com uma abertura no peito, uma capa esvoaçante que completava seu visual e uma máscara negra estilo "Zorro", cobrindo parte do rosto. Misterioso e sensual. Os olhos dele eram escuros, cheios de mistério. Seu perfume gostoso e provocante exalava no ar. Tinha um olhar doce e, ao mesmo tempo, sedutor. Não sei dizer quanto tempo passou até que me desse conta de que estava encantada por ele. De repente me senti envergonhada outra vez.

- Eu não me perdoaria se tivesse machucado você. – ele falou.

Sua voz era grave e o som era melodioso.

- Não, – eu falei – não foi nada. Não me machuquei – afirmei.

Eu tentava esconder um certo nervosismo que surgiu subitamente. Meu coração disparou. Eu mal conseguia desviar o olhar. Ele era atencioso, protetor, doce, lindo, ... Num instante eu achei que estava tendo uma alucinação, uma visão nítida demais. Não podia ser real. Meus pensamentos foram interrompidos por aquela voz sonora e aveludada:

- Se eu acreditasse no acaso, diria que isso foi uma feliz coincidência!

- Meu Deus! – pensei – Ele também pensava como eu. Nada acontece por acaso. Além de bonito e charmoso, ele pensava como eu! Era bom demais para ser verdade.

Eu sorri sem saber o que responder. Ele me olhou nos olhos com um imenso sorriso nos lábios e disse:

- Parece que todo azul do céu veio parar nos seus olhos! – exclamou.

Senti meu rosto ruborizar. Baixei os olhos e sorri delicadamente. Na minha cabeça os pensamentos davam voltas, desordenados. Que é isso? Eu nunca havia me sentido assim! Por que eu não conseguia responder? Por que estava ficando vermelha diante de seus elogios? Por que eu não conseguia lançar aquele olhar "hipnótico" de sempre, que seduzia quem eu quisesse? Num estalar de dedos dei-me

conta! Eu estava apaixonada! Finalmente eu tinha me apaixonado!
- Eu vou beber alguma coisa. – eu disse tentando fugir dali. Porém, meu desejo era ficar.
- Você se incomoda se eu lhe fizer companhia? – ele perguntou
- Desde que você não me derrube. – brinquei.

Fomos até o bar, pedimos as bebidas e voltamos a conversar. No bar, o barulho era um pouco menor e ficava mais fácil de conversar.
- Você está sozinha? – ele arriscou.
- Não. – respondi rapidamente.

Então percebi ele baixar os olhos.
- Estou com alguns amigos. – continuei.

De novo observei as reações dele. Seu olhar se iluminou outra vez. Ele estava sorrindo de novo. Seu sorriso era alegre, contagiante.
- Desculpa, acho que ainda não me apresentei. Meu nome é Rafael. – ele disse sem parar de sorrir.
- Lena. – eu disse.
- Helena? – ele indagou.
- Não, não. Apenas Lena – esclareci.
- Que original! – ele acrescentou.
- Significa "luz sedutora". – acrescentei.
- Combina com você! – ele completou sorrindo.

A cada palavra ele tecia um novo elogio. Eu sentia meu rosto ruborizar a todo o momento. Meu coração dava saltos! Batia tão forte que eu temia que ele percebesse. A bebida estava no fim quando ele me perguntou:
- Você gosta de dançar?
- Está brincando? – eu disse num tom alegre – O que estamos esperando? – completei e fui indo em direção à pista sem olhar para trás. Eu adorava dançar!